

## Capítulo 3

*“(…), porque embora o fanatismo dos nossos chronistas quizesse desauthorisar essa esmerada civilização que durante cinco seculos actuou na peninsula hispanica, taxando-a de barbara, os que hoje sem odio nem preconceitos melhor sabem avaliar a sua distincta e typica elevação naquelles tempos, a contar do começo do seculo VIII, antes poderiam attribuir o que se achasse estampado com o cunho da insciencia e da imperfeição aos fanaticos heroes que aquelles crentes de Mahomed conquistaram e destruíram com o furor da intolerancia e o afilado grume da espada tudo quanto essa gentil civilização havia erigido e firmado no torrão peninsular.”*

ESTÁCIO DA VEIGA, 1889, p. 53

# A Alcáçova

## 1. Dispositivo defensivo e equipamento

---

### 1.1. O recinto fortificado

A alcáçova de Silves foi construída na extremidade nascente do topo de um cerro com 56 m de cota máxima, sobranceiro à margem direita do rio Arade, desenvolvendo-se a área urbana pelas encostas nascente, sul e poente, onde o casario era entrecortado por ruas íngremes e irregulares, alcançando o rio (Figs. 1-3). Nos lados norte e levante da elevação referida, as encostas, muito inclinadas, proporcionavam boas condições naturais de defesa.

O Castelo apresenta muralha com planta de forma poligonal, ocupando área plana, que mede cerca de 12 000 m<sup>2</sup>.

As coordenadas Gauss de um ponto aproximadamente central daquele espaço são: W 729 250 (seg. a C.M.P. n.º 595, Silves, à esc. 1:25 000, S.C.E.P., 1979).

A matéria-prima utilizada naquela construção e na dos principais monumentos da cidade, foi o arenito, de cor vermelha, do Triásico, vulgarmente conhecido por “grés vermelho de Silves”, que constitui boa parte do substrato rochoso da zona envolvente.

Nos anos quarenta da presente centúria, depois de longo período de abandono, realizaram-se, no Castelo de Silves, grandes campanhas de obras, implementadas pela Direcção -Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.



FIG. 1 – Silves. A cidade e o Castelo vistos de sudeste (R IV/80-o).

---



FIG. 2 – Fotografia aérea da cidade de Silves (Serviços Geográficos e Cadastrais).

Aquelas foram documentadas, através de fotografias, com aspectos do monumento antes e depois da intervenção e publicadas no boletim n.º 51, de Março de 1948, daquela instituição. Durante o estudo que efectuámos desta fortificação, tais documentos serviram como elementos comparativos com o que observámos no terreno.

O principal acesso ao Castelo realizava-se pela medina, através de porta dupla, com átrio, defendida por duas torres (Fig. 4). Dispõe, ainda, de pequena porta ou postigo, aberta para norte no pano de muralha situado entre duas torres, denominada “Porta da Traição”. Esta ligava a alcáçova directamente com o exterior.

A porta principal é constituída, presentemente, por vão encimado por arco de volta perfeita, medindo 3,12 m de altura máxima e 3,20 m de largura (Fig. 5). O arco apresenta duas fiadas de pedras, bem aparelhadas. Todavia, é possível que originalmente esta porta mostrasse arco ultrapassado, conforme permite deduzir das dimensões e disposição dos seus elementos constituintes. A segunda fiada de pedras deveria corresponder a moldura que reforçaria e daria maior monumentalidade à entrada.

Sobre a porta desenvolve-se alto pano de muralha, coroado por ameias (Fig. 6). Ali se reconhecem duas ordens de seteiras, umas abertas no parapeito e outras nas ameias, de que perviveram algumas, documentadas em fotografias antigas.

A muralha neste sector mede 2,80 m de espessura e através da porta referida tem-se acesso a átrio, com 10 m de comprimento e 8 m de largura. Trata-se de espaço coberto por abóbada de pedra e tijolo, com secção transversal semicircular, tendo no vértice três mata-cães, quadrangulares e equidistantes entre si, medindo 0,80 m de lado (Fig. 9). A parede à esquerda de quem entra, no lado norte, mostra pequena porta e dois grupos de três seteiras, dispostos de um e do outro lado daquele vão. Este conduz a compartimento com planta rectangular, medindo 10 m por 5,80 m, oferecendo, de igual modo, cobertura em abóbada,

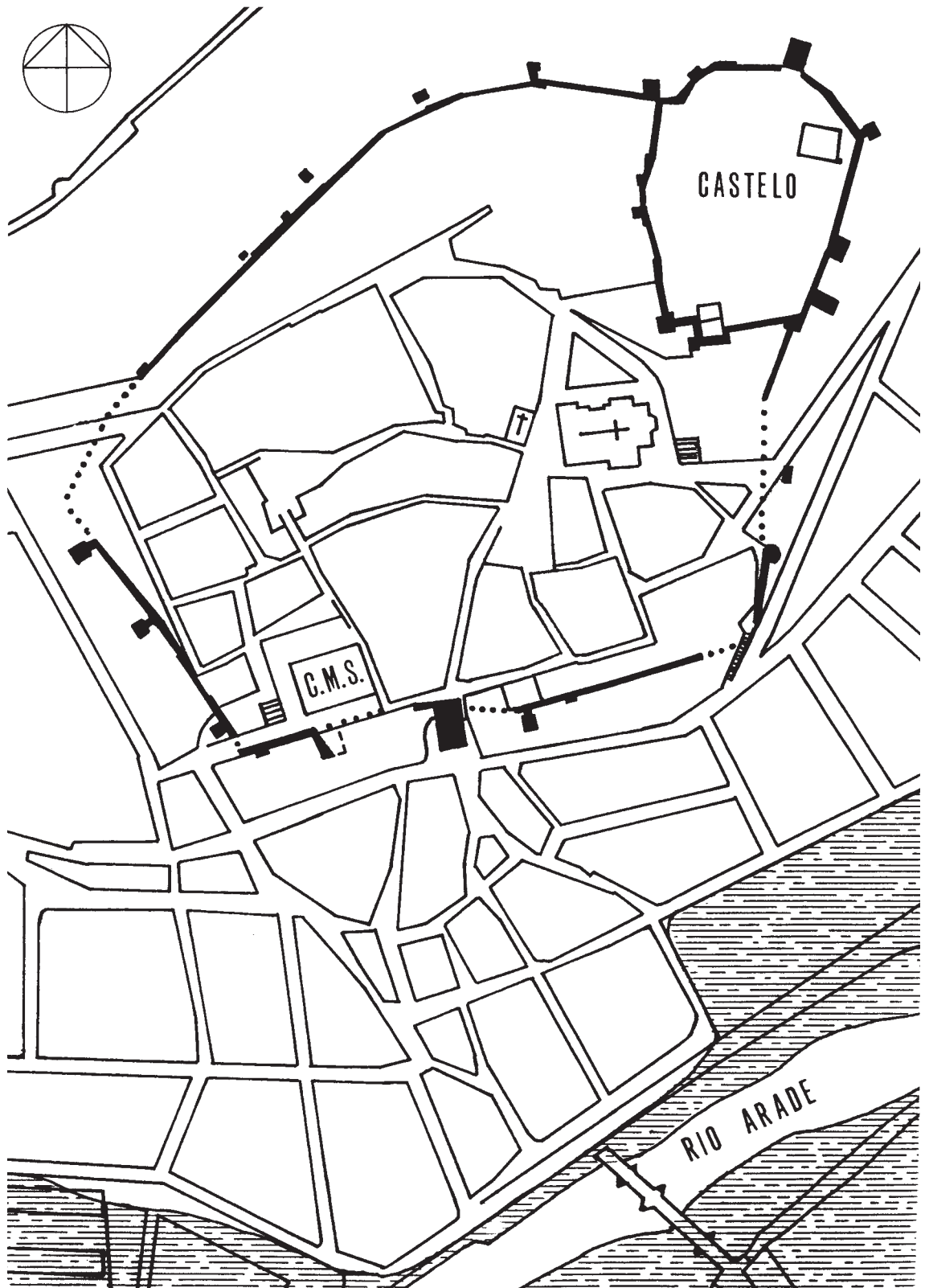


FIG. 3 – Silves. Planta das muralhas do Castelo e da medina, actualmente conservadas.

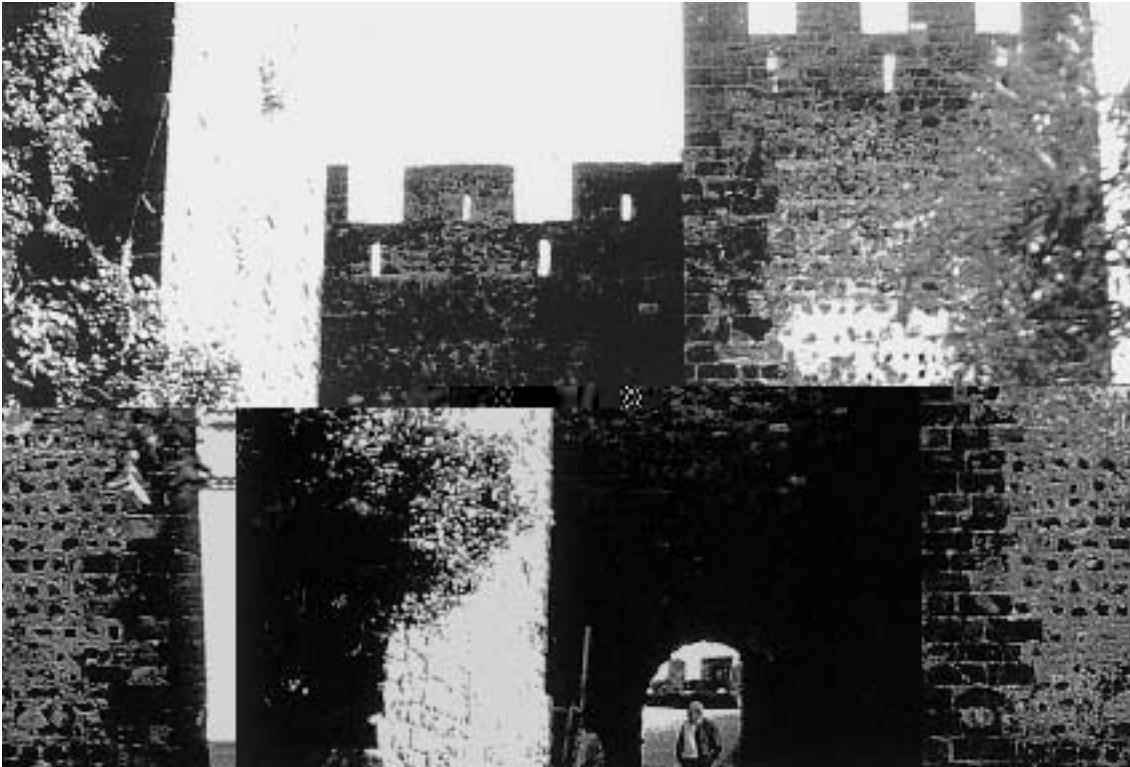


FIG. 4 – Porta principal de entrada no Castelo de Silves.

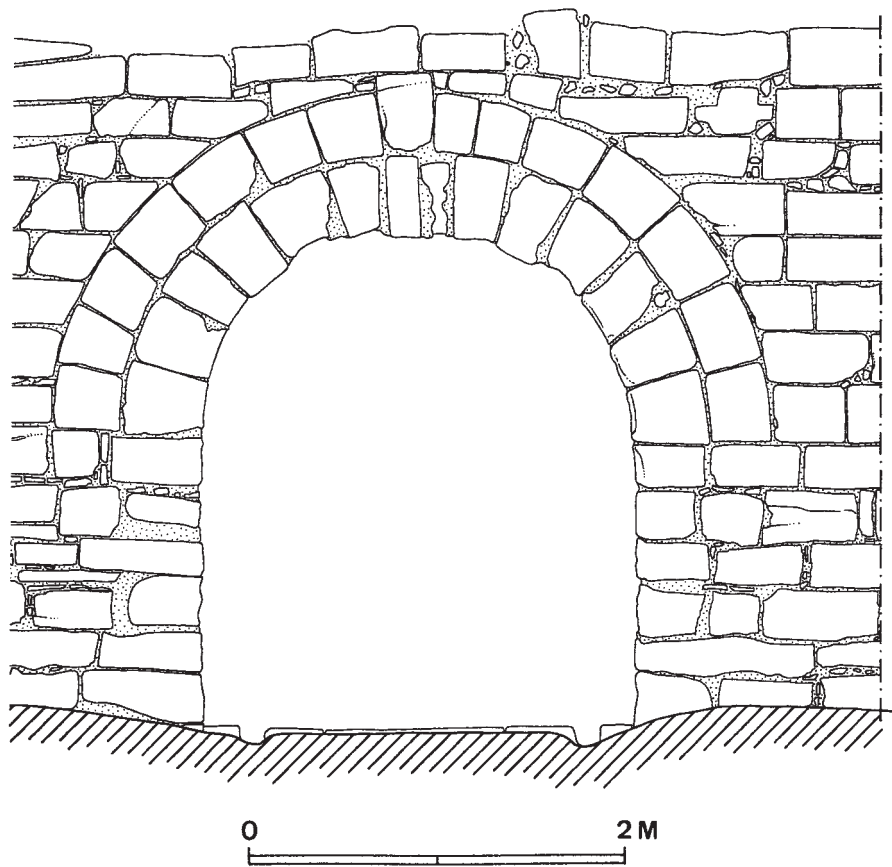


FIG. 5 – Alçado da porta principal de entrada no Castelo de Silves.



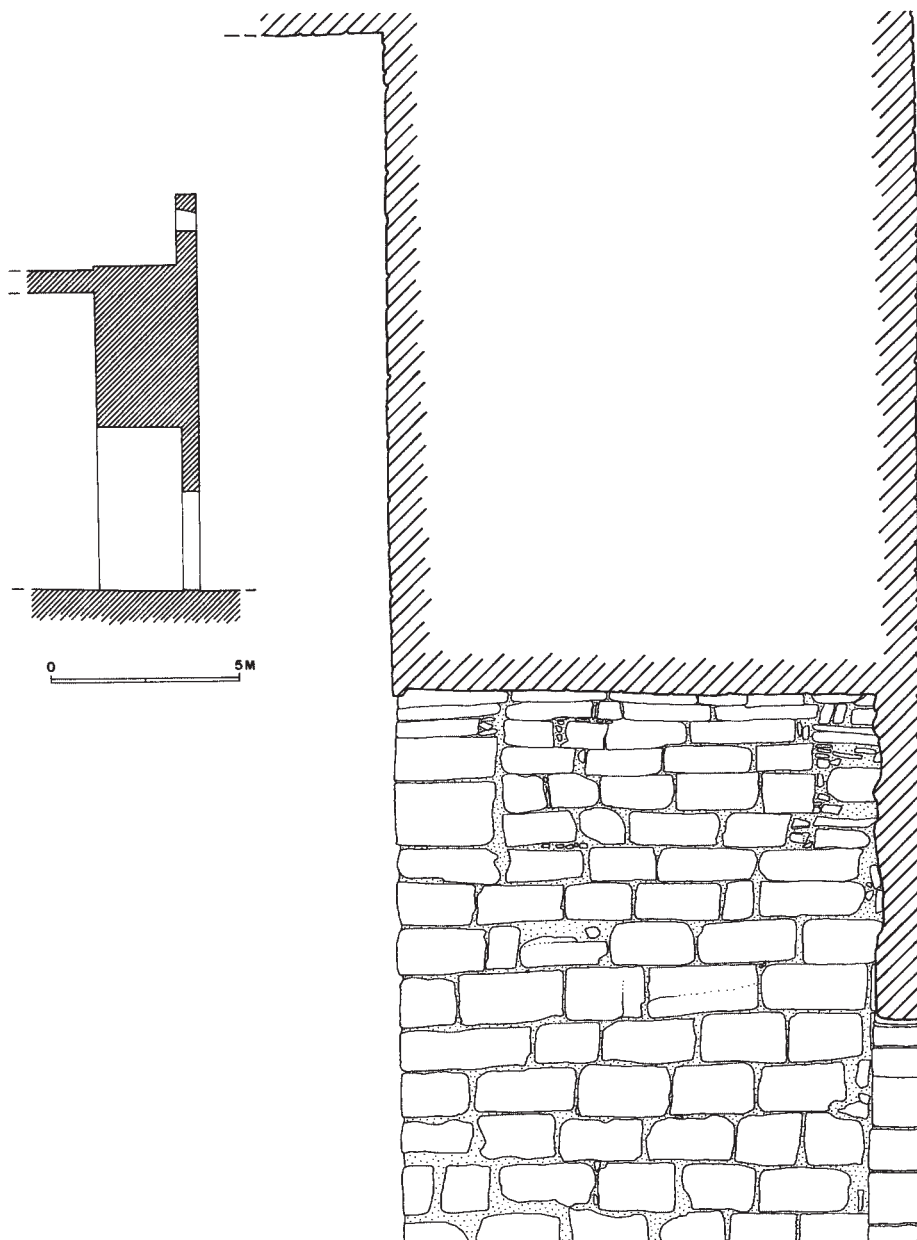


FIG. 6 – Corte da entrada principal do Castelo de Silves.

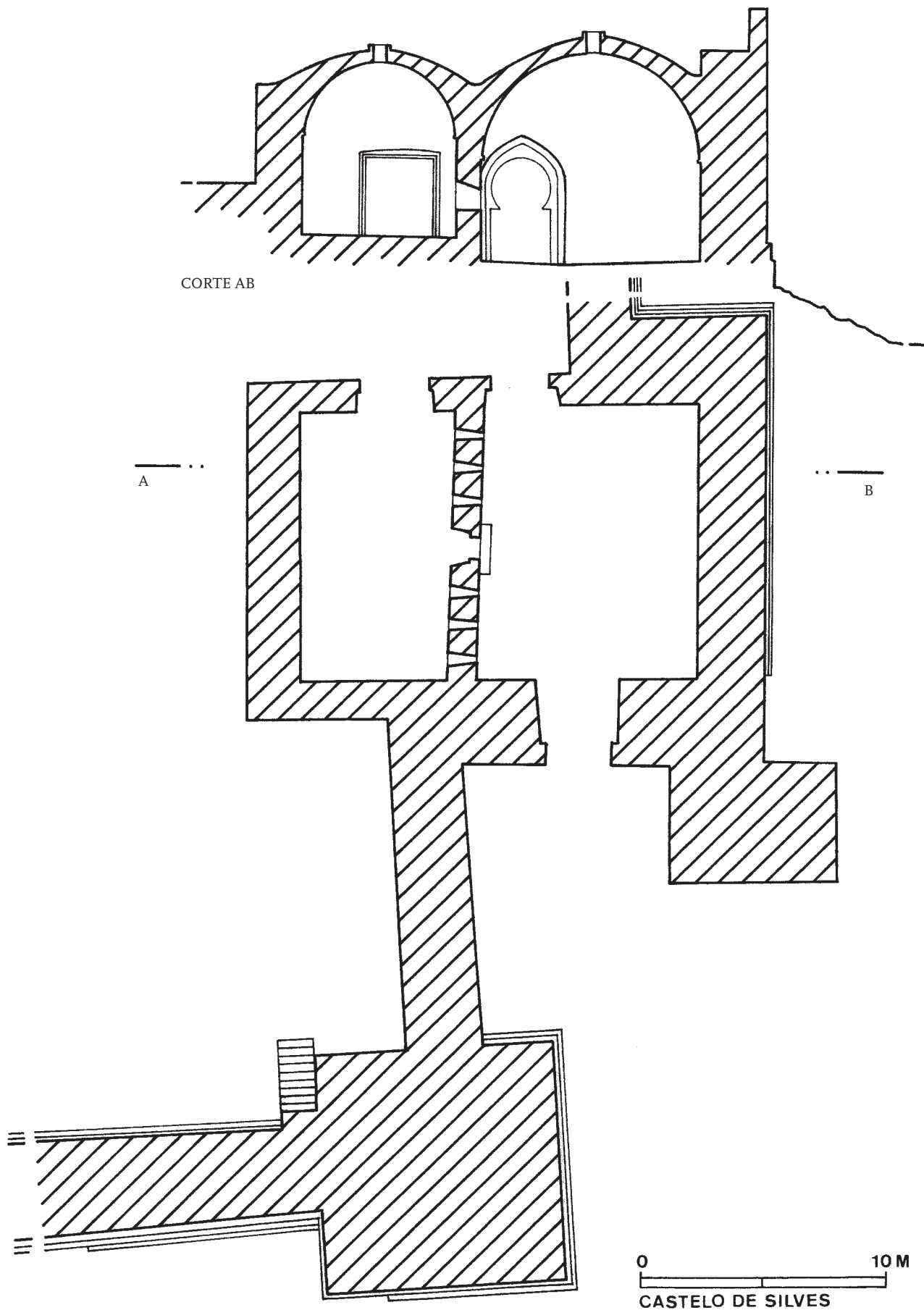


FIG. 7 – Planta e corte da entrada principal do Castelo de Silves.

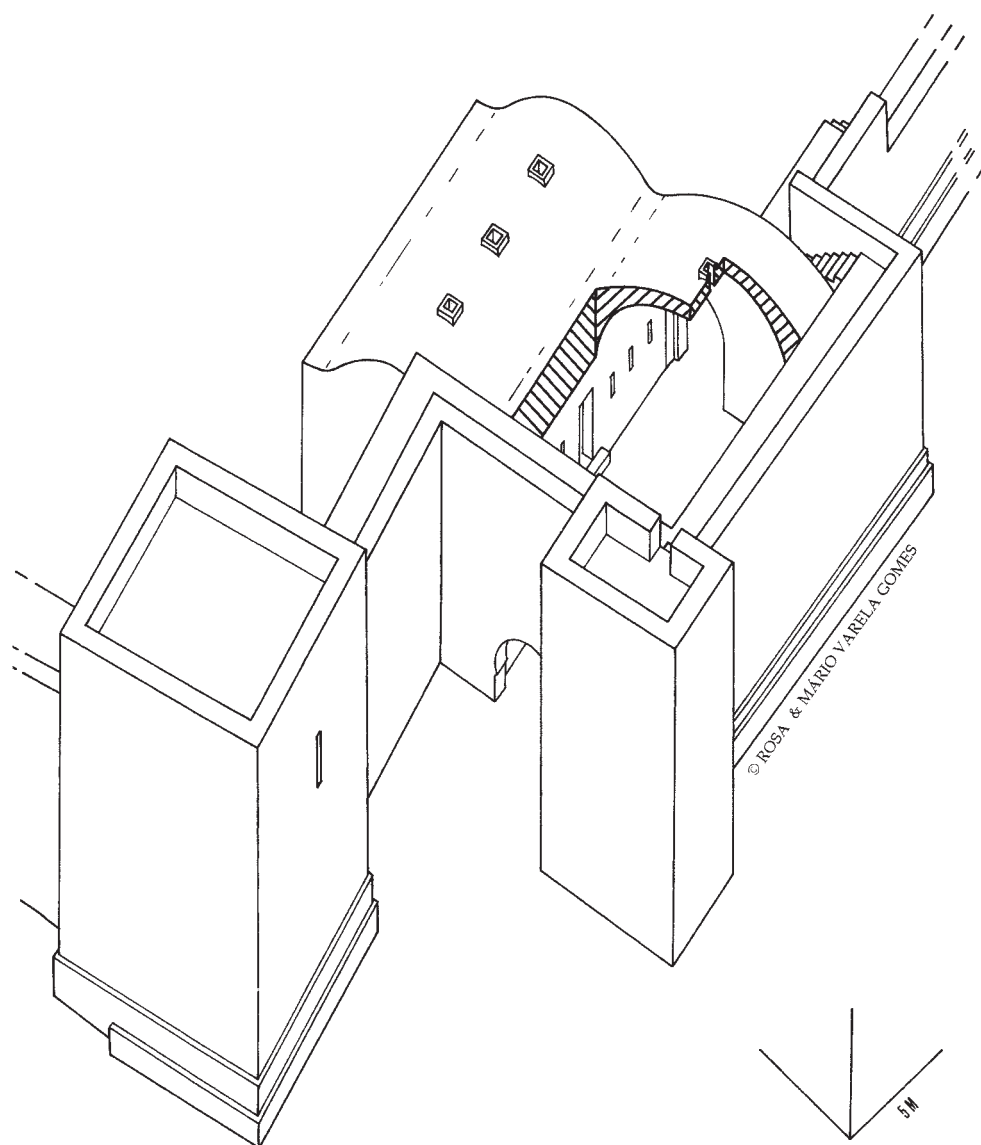


FIG. 8 – Perspectiva da entrada principal do Castelo de Silves.

idêntica à do átrio, provida por igual número de mata-cães. Uma porta existente no topo nascente deste espaço permite entrar no interior da alcáçova (Figs. 7, 8).

Na parede do átrio, oposta à entrada, existe porta, com 3,80 m de altura e 2,20 m de largura, que dava acesso ao interior da fortificação.

A parede do lado sul é cega, correspondendo a sector do interior da muralha que cerca a alcáçova, mostrando apenas pequeno nicho rectangular, próximo da porta de entrada.

A descrição dos restantes dispositivos que integram este espaço será feita a partir da principal porta de ingresso no recinto muralhado e no sentido dos ponteiros do relógio (Fig. 11).





FIG. 9 – Mata-cão, aberto na abóbada que cobre o átrio da entrada principal do Castelo de Silves (R III/99-37).



FIG. 10 – Postigo ou Porta da Traição. Vista a partir do interior da alcáçova (R. III/99-23).



FIG. II – Planta da alcáçova, com identificação das torres albarrãs e das construções detectadas no seu interior.

Assim, a poente do pano onde se abre a entrada principal, fazendo ângulo de  $90^\circ$  com aquele, encontra-se tramo de muralha com 9,70 m de comprimento. Este sector foi, parcialmente, restaurado pelos Monumentos Nacionais mantendo, no entanto, porção da construção original. Observam-se algumas zonas refeitas, em particular os últimos 3 m de muralha, antecedendo as seteiras e as ameias. Mede, actualmente, 8,40 m de altura.

---

### TORRE 1

Trata-se de construção com planta de forma sub-quadrangular, que defende o lado esquerdo da porta principal da alcáçova, dela avançada e ocupando um vértice da muralha. Encontra-se relativamente bem conservada mantendo, ainda, parte do aparelho original, onde se observam algumas pedras delimitadas com argamassa muçulmana.

Mede 7,50 m de comprimento na base da face voltada a sul, 8,80 m na base da face voltada a poente e cerca de 16 m de altura, pelo que constitui uma das três maiores torres do Castelo de Silves. Apresenta, na base, dois socalcos, tendo um 0,80 m de altura, a partir do solo actual, e o segundo 0,90 m.

O coroamento foi refeito, tendo-se rematado as três seteiras existentes e acrescentado uma fiada de pedras, onde assentam as ameias rectangulares.

Mostra, no topo, sala abobadada, a que se tem acesso através de duas portas que dão para o passeio da ronda actual. Aquelas possuem arco ogival, com arestas chanfradas. Na parede voltada a sul existe fresta onde, anteriormente, se observava pequena janela. Também neste sector se construíram ameias e seteiras, semelhantes às visíveis no lado poente desta mesma torre.

A partir da torre que acabámos de descrever (torre 1), desenvolve-se pano de muralha orientado norte-sul, com 21,20 m de comprimento. Apresenta, na base, três socalcos, medindo o primeiro 0,60 m de altura, a partir do nível do solo actual, o segundo 0,90 m e o terceiro, apenas, 0,20 m, correspondendo a uma fiada de pedras. Tanto a parte inferior como a superior, desta porção de muralha, encontram-se muito refeitas.

O mesmo tramo de muralha inflecte 0,90 m para nascente e prolonga-se novamente para norte alcançando, neste sector, 9,40 m de comprimento. A sua altura varia nas duas extremidades, entre 6,10 m e 6,40 m. Depois inflecte para nascente, cerca de 0,60 m, medindo este novo pano 12,70 m de comprimento. Inflecte, mais uma vez, mas para poente, 0,75 m, e daí até à próxima torre (torre 2) mede 4,50 m. Este sector da muralha foi, em grande parte, reconstruído, embora sem alterações no seu perímetro, visto encontrar-se bem conservado até ao nível do adarve.

---

### TORRE 2

Trata-se de torre adossada e sobrelevada em relação ao adarve, pelo que se tem actualmente a ela acesso através de quatro degraus. Apresenta planta com forma rectangular, medindo 4,34 m por 4,85 m e atingindo 9,80 m de altura. Foi, parcialmente, reconstruída, embora os degraus referidos já existissem antes das obras.

Entre esta torre e a próxima (torre 3) desenvolve-se pano de muralha com 10,60 m de comprimento, orientado norte-sul, consolidado e restaurado a partir do nível do adarve.

---

### TORRE 3

Encontra-se adossada e ergue-se ao nível do adarve. Mede 3,10 m por 4,60 m e tem 8,30 m de altura.

No sentido norte desenvolve-se pano de muralha com 9,50 m, que inflecte para nascente 1,47 m e continua em tramo com 25 m de comprimento, alcançando nova torre (torre 4). Este sector de muralha mede 7,30 m de altura e terá sofrido o tipo de restauro anteriormente referido.

---

#### TORRE 4

Torre adossada, situada no vértice noroeste da muralha do Castelo, dali também partindo a muralha que cercava a medina. Apresenta planta rectangular, medindo 6,00 m de frente por 9,00 m de comprimento e 16,45 m de altura máxima.

O acesso à sala existente no seu interior faz-se por passagem com 1,90 m de comprimento, podendo corresponder a restos de antiga torre adossada.

Encontra-se relativamente bem conservada, observando-se cunhais e outras pedras delimitadas com argamassa muçulmana. Contudo, terá sido restaurada ao nível do coroamento.

Dali parte tramo de muralha na direcção de nascente, medindo 10,10 m de comprimento e 5,20 m de altura média. Este inflecte cerca de 45°, na direcção de nordeste, atingindo, a 10,57 m de distância outra torre (torre 5). Este tramo foi consolidado e refeito a partir do adarve e nele abre-se a “Porta da Traição”, também reconstruída (Fig. 10).

---

#### TORRE 5

Torre adossada, com planta de forma rectangular, medindo, 6,50 m por 5,25 m e com cerca de 9,70 m de altura. Encontra-se pouco elevada em relação ao nível do adarve e o seu acesso realiza-se através de degraus dispostos lateralmente.

A partir desta torre a muralha prolonga-se na direcção nordeste, medindo 5,25 m de comprimento e 8,50 m de altura. Inflecte novamente para nascente durante cerca de 10,60 m, apresentando 7,90 m de altura, até se dirigir 1,70 m para sul e prolongar-se, depois, 23,60 m na direcção de nascente, até à maior torre da alcáçova (torre 6). O sector de muralha referido mede cerca de 5,70 m de altura e foi consolidado e reconstruído, sobretudo a partir do adarve.

---

#### TORRE 6

Grande torre adossada, a maior do Castelo de Silves (Fig. 12). Apresenta planta rectangular, medindo 8,55 m de frente por 12,30 m de lado e cerca de 16,50 m de altura. Apresenta dois socalcos, semelhantes aos descritos para a torre 1, na face voltada a norte e em parte na do lado nascente.

Esta enorme torre, situada no ponto mais elevado da alcáçova e voltada a norte, correspondia à torre de menagem dos castelos cristãos ou às *celoquias* das fortificações muçulmanas.

Encontrava-se relativamente bem conservada, tendo sido refeitas parte das ameias e das seteiras que parece terem, também, existido e sendo, eventualmente, semelhantes às que se conservavam sobre a porta principal. Na parede do lado nascente mostra, ainda, sector de reboco muçulmano. O acesso ao seu interior realizava-se pelo passeio da ronda, ali existindo sala abobadada, em parte alterada, nos anos cinquenta, para sobre a torre se construir depósito de água, presentemente desactivado.

A partir desta torre a muralha, com cerca de 8,00 m de altura, segue na direcção este-sudeste, mostrando tramo com 18 m de comprimento, a que se segue outro, medindo 21,40 m, na direcção de sudeste, até encontrar nova torre (torre 7).

O percurso pelo passeio da ronda entre as torres 6 e a 7 conta, actualmente, com dois lanços de escadas. Na base deste pano de muralha observam-se dois socalcos, semelhantes aos descritos para a torre 1. Apesar de alguns restauros, este sector de muralha oferece grandes porções de aparelho muçulmano (Fig. 13).





FIG. 12 – Aspecto da torre 6, a maior, vista de sudoeste (R III/99-28).

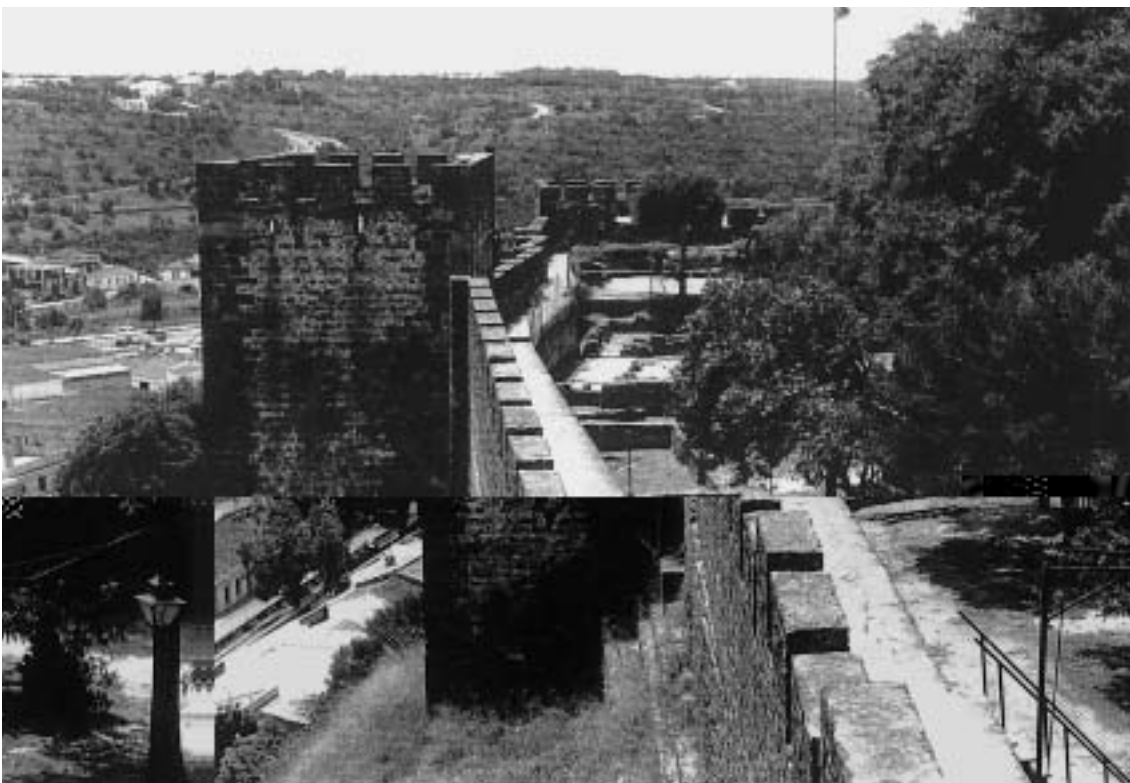


FIG. 13 – Aspecto da torre 8, vista de norte (R III/99-29).



FIG. 14 – Aspecto do pano de muralha que se desenvolve entre as torres 6 e 7 (RIII/99-27).

### TORRE 7

Trata-se de torre albarrã, avançada em relação à muralha cerca de 5 m (Fig. 15). A ligação com a muralha é feita através de passadiço, presentemente com degraus, assente sobre arco de volta perfeita. Mostra planta rectangular, medindo 4,63 m por 6 m e tendo 12,70 m de altura.

Apresenta, na face oposta à muralha, dois socalcos, observando-se, no paramento exterior, pedras delimitadas com argamassa muçulmana. As ameias e as seteiras foram reconstruídas.

A partir desta torre o pano de muralha desenvolve-se na direcção sudoeste, medindo 50,10 m de comprimento e cerca de 9,60 m de altura, até alcançar nova torre (torre 8). O pano de muralha entre as torres 7 e 8 apresenta, ao nível do passeio da ronda, diferenças acentuadas de cotas, sendo vencidas por degraus.

Tal como os anteriores, também este pano de muralha foi restaurado, conforme ficou bem evidente durante os trabalhos arqueológicos realizados (cf. Cap. 2).



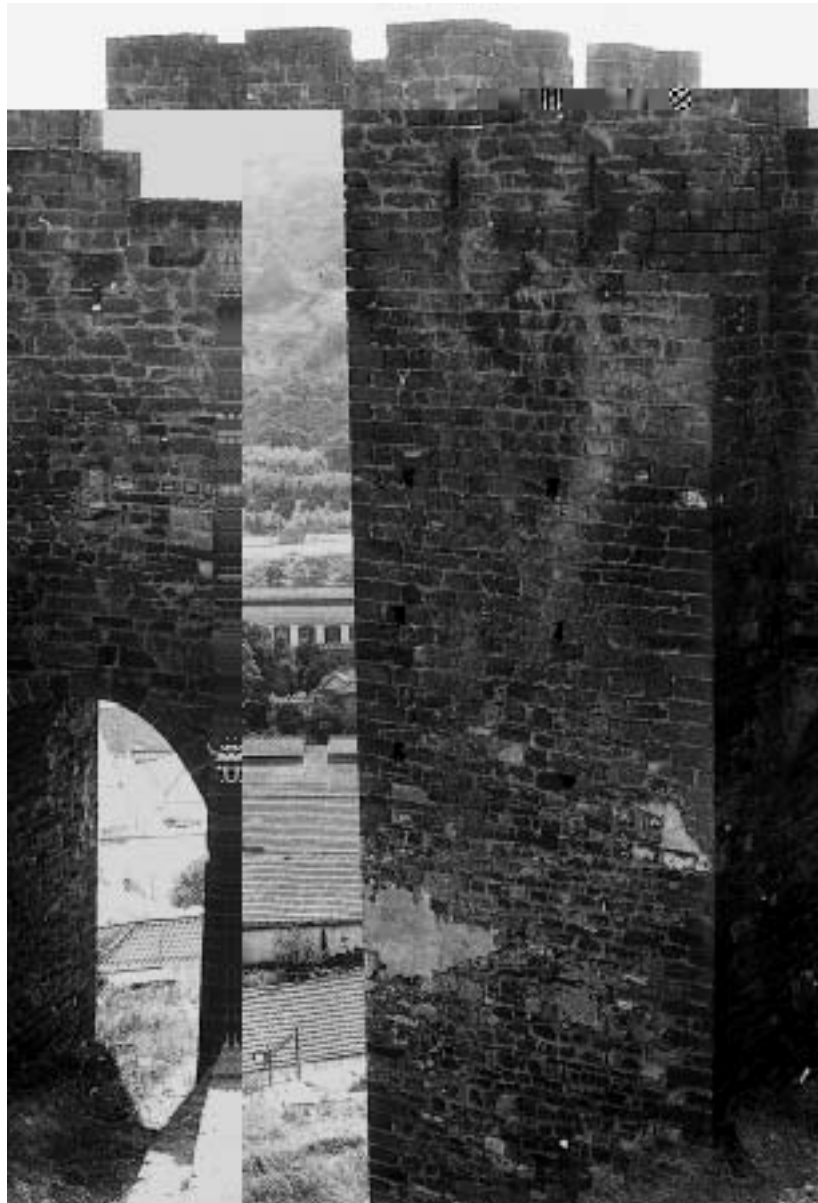


FIG. 15 – Aspecto da torre 7, vista de norte (R VI/87-37).

### TORRE 8

Torre adossada, com planta de forma rectangular, medindo 9 m de frente, por 4,60 m de lado e 16,40 m de altura (Fig. 13). No topo encontra-se sala, abobadada, a que se tem acesso através de porta ogival com 1,30 de largura.

Na parede voltada a nascente apresenta fresta. As paredes medem cerca de 1 m de espessura. No interior, a parede do lado norte, mostra, ainda, reboco muçulmano.

Algumas pedras aparelhadas, dos cunhais junto ao adarve, apresentam siglas semelhantes às existentes no exterior da capela-mor da Sé, denunciando campanhas de obras do período medieval português, às quais se devem as salas abobadadas também observadas nas torres 1 e 6 e as portas ogivais que lhes dão acesso. Durante a intervenção arqueológica descobrimos a entrada e o piso, muçulmanos, desta torre.

Entre a torre 8 e a seguinte (torre 9) o pano de muralha continua a desenvolver-se na direcção de sudoeste, medindo 20 m de comprimento e 8,20 m de altura. Este sector de muralha foi refeito, sobretudo a partir do adarve.

---

### TORRE 9

Trata-se de torre albarrã muito afastada da muralha, com planta de forma sub-quadrangular e a que se tem acesso através de passadiço, ligeiramente elevado em relação ao nível do actual adarve. O passadiço, assente sobre arco de volta perfeita, mede 6,90 m de comprimento e 6 m de largura, enquanto a torre tem cerca de 5,50 m de lado e apresenta 18,80 m de altura máxima.

Esta torre foi construída, até ao nível superior do arco que constitui o passadiço, parcialmente de taipa, sendo a parte superior erguida em pedra. Observam-se, ainda, restos de reboco muçulmano, em parte tapado por restauro sub-actual em cimento. Esta acção tinha em vista a consolidação da torre e realizou-se nos anos oitenta sob responsabilidade da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

O pano de muralha continua para sudoeste, no prolongamento do anterior, medindo 10,40 m de comprimento, atingindo outra torre (torre 10). Este sector de muralha encontra-se relativamente bem conservado até cerca de meia-altura, tendo, a restante parte, sido restaurada.

---

### TORRE 10

Torre adossada com planta de forma rectangular, cujo acesso se realiza através de degraus que partem do adarve. Mede 5,36 m por 6,55 m e 16,50 m de altura. Localiza-se num vértice da muralha do Castelo, que a partir dele inflecte para poente. Também dali arranca a muralha que cercava a medina.

Encontrava-se relativamente bem conservada, tendo sido refeito o coroamento. Mostra, no exterior, as pedras que constituem o aparelho original, contornadas com argamassa muçulmana.

A muralha dirige-se, como referimos, para poente, ao encontro da entrada principal da alcáçova, medindo 28,80 m de comprimento e tendo 10,40 m de altura. O sector da muralha que faz parte do dispositivo de entrada no Castelo inflecte para sul 5,30 m, continuando depois novamente para poente e alcançando, a 15,35 m de distância, nova torre (torre 1). Mede 11,80 m de altura e apresenta socalcos bem evidentes junto à base. Este sector de muralha foi reconstituído a partir de meia-altura.

---

### TORRE 11

Torre adossada, situada em um vértice da muralha, defendendo, com a torre 1, a porta principal de entrada na fortificação. Apresenta planta sub-quadrangular e o acesso ao topo realiza-se através de escadas dispostas a partir do adarve.

Mede cerca de 3,10 m de lado e atinge 12,60 m de altura máxima.

Encontra-se relativamente bem conservada, mantendo o aparelho primitivo e dispondo, ainda, de uma seteira original. Tanto as restantes, assim como as ameias, foram refeitas. A partir desta torre a muralha inflecte, novamente, para norte, sector onde se abre a porta principal de entrada no Castelo, fazendo em seguida, canto e dirigindo-se para poente ao encontro da torre 1.

As torres e panos de muralha que descrevemos foram construídas em arenito vermelho ou grés de Silves, exceptuando parte da torre 9 que, como mencionámos, mostra parte em alvenaria de taipa. O aparelho muçulmano, original, era constituído por blocos, bem aparelhados, com comprimentos que variam entre 0,40 m e 0,60 m, dispostos em paralelo a que se seguem, na mesma fiada, outros colocados transversalmente. Estas fiadas de pedras podiam estar sobrepostas ou intercaladas com outras, mais estreitas e de menores dimensões, dispostas longitudinalmente,

em regra cobertas com massa, compacta, de cal e areia, subsistindo, nos panos de muralha melhor conservados, o contorno dos blocos de pedra de maiores dimensões.

Registámos, nas construções descritas, três tipos principais de alvenaria de pedra. Estes encontram-se documentados através de amostragem constituída pelo levantamento desenhado de quadrados, medindo 1,00 m de lado, de seis superfícies. Os tipos reconhecidos são os seguintes:

A – Visível sobretudo na base das muralhas e torres. A amostra apresentada respeita a sector do paramento exterior da muralha, situada à direita da porta principal da alcáçova (Fig. 16-A).

Apresenta blocos, bem aparelhados e com dimensões similares, dispostos longitudinalmente, de cutelo, que intercalam com outros, também colocados de cutelo, mas transversais. Estes assentam, sensivelmente, a meio dos da fiada subjacente. Os blocos medem cerca de 0,40 m de comprimento, 0,10 m de largura e 0,20 m de altura média, dimensão que é a de cada uma das fiadas.

B – Pode observar-se na zona média de panos de muralha e de torres, correspondendo as amostragens obtidas a sector do lado sul da torre 11 (Fig. 16-B), à parede do lado sul do átrio de entrada na alcáçova (Fig. 16-C), ao paramento interior da muralha junto à torre 6 (Fig. 16-D) e a sector do paramento interior da muralha, anexo à escavação e à torre 8 (Fig. 16-E).

Aquelas quatro amostras apresentam semelhanças, embora com algumas variantes, verificando-se que fiadas de pedras dispostas longitudinalmente intercalam com outras, bem mais estreitas e de menores dimensões. Entre os exemplos apresentados, o mais regular e melhor conservado, corresponde ao situado junto à torre 8, dado que os blocos têm dimensões mais homogéneas, sendo melhor marcada a diferença entre as linhas de blocos maiores e menores. Cada fiada mede cerca de 0,20 m de altura.

C – Corresponde a aparelho reconhecido em algumas das torres e nos topos das muralhas. A amostra corresponde a sector da parede exterior da parte superior da torre 8 (Fig. 16-F) e pertence, possivelmente, a reconstrução de Época Cristã. Os blocos, pouco regulares e de dimensões variáveis, foram colocados em fiadas horizontais.

Os degraus que referimos, no adarve e no acesso a certas torres, com alturas que variam entre 0,18 m e 0,20 m, permitem vencer desníveis e devem corresponder, na grande maioria dos casos, a reconstituições modernas.

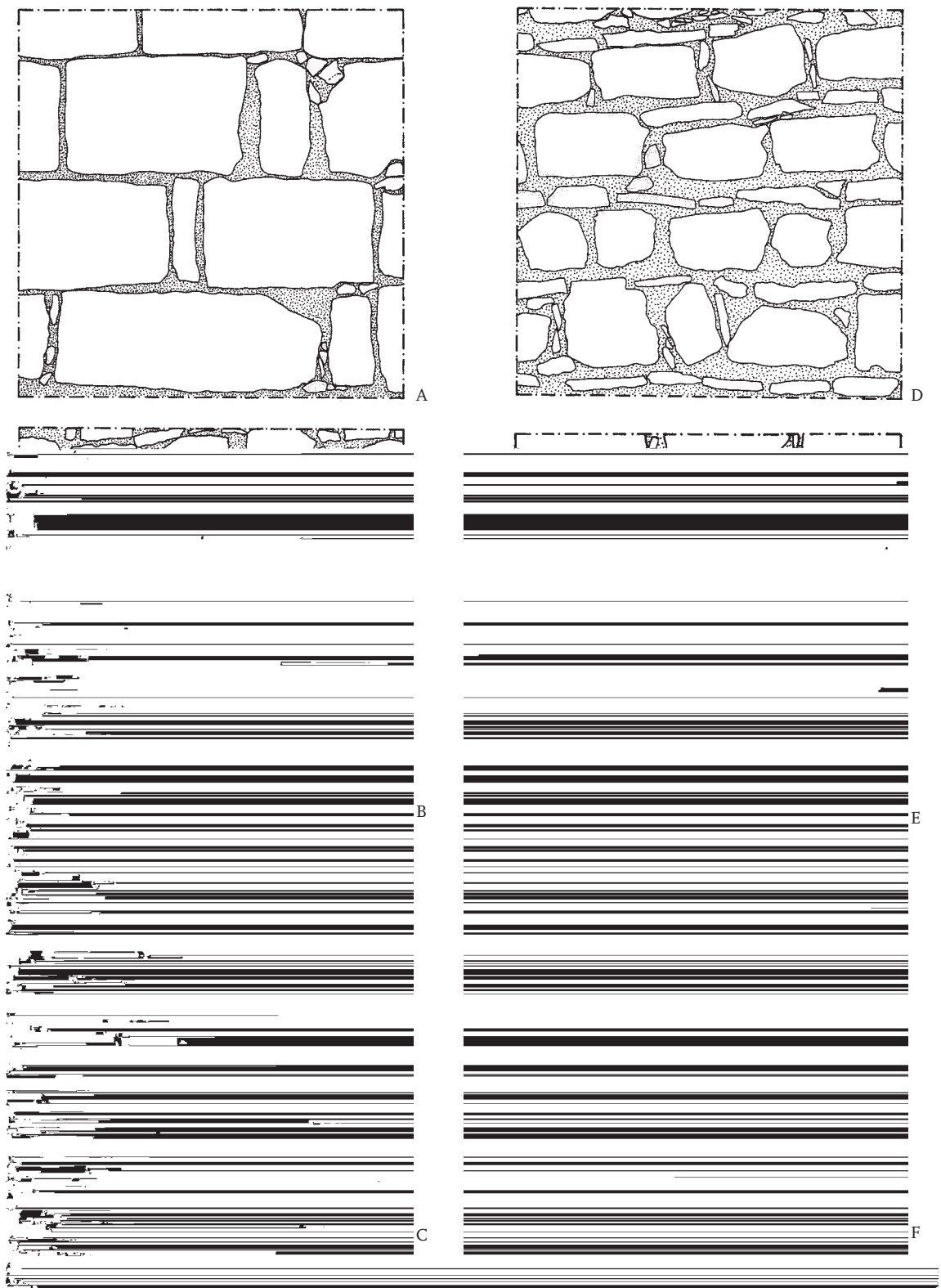


FIG. 16 – Amostragem dos principais tipos de aparelho reconhecidos nas muralhas do Castelo de Silves. A- Lado direito da parede exterior da porta principal; B - Parede exterior da torre II, do lado sul da porta principal de entrada; C- Parede do lado sul do átrio da entrada; D - Paramento do interior da muralha, junto à torre 6; E - Paramento do interior da muralha, junto à torre 8; F - Parede exterior da parte superior da torre 8.

## 1.2. Estruturas subterrâneas (aljibes e matmuras)

### 1.2.1. O grande aljibe

O primeiro levantamento desta estrutura foi realizado, em 1878, por Estácio da Veiga (Santos, 1972, 99, planta n.º 19).

Trata-se do maior reservatório para água existente no interior do Castelo. Situa-se no seu quadrante nordeste, perto da torre 7, e, até aos anos noventa do passado século, continuava a abastecer a zona alta da cidade. É actualmente utilizado como sala de exposições temporárias (Figs. 17-20).

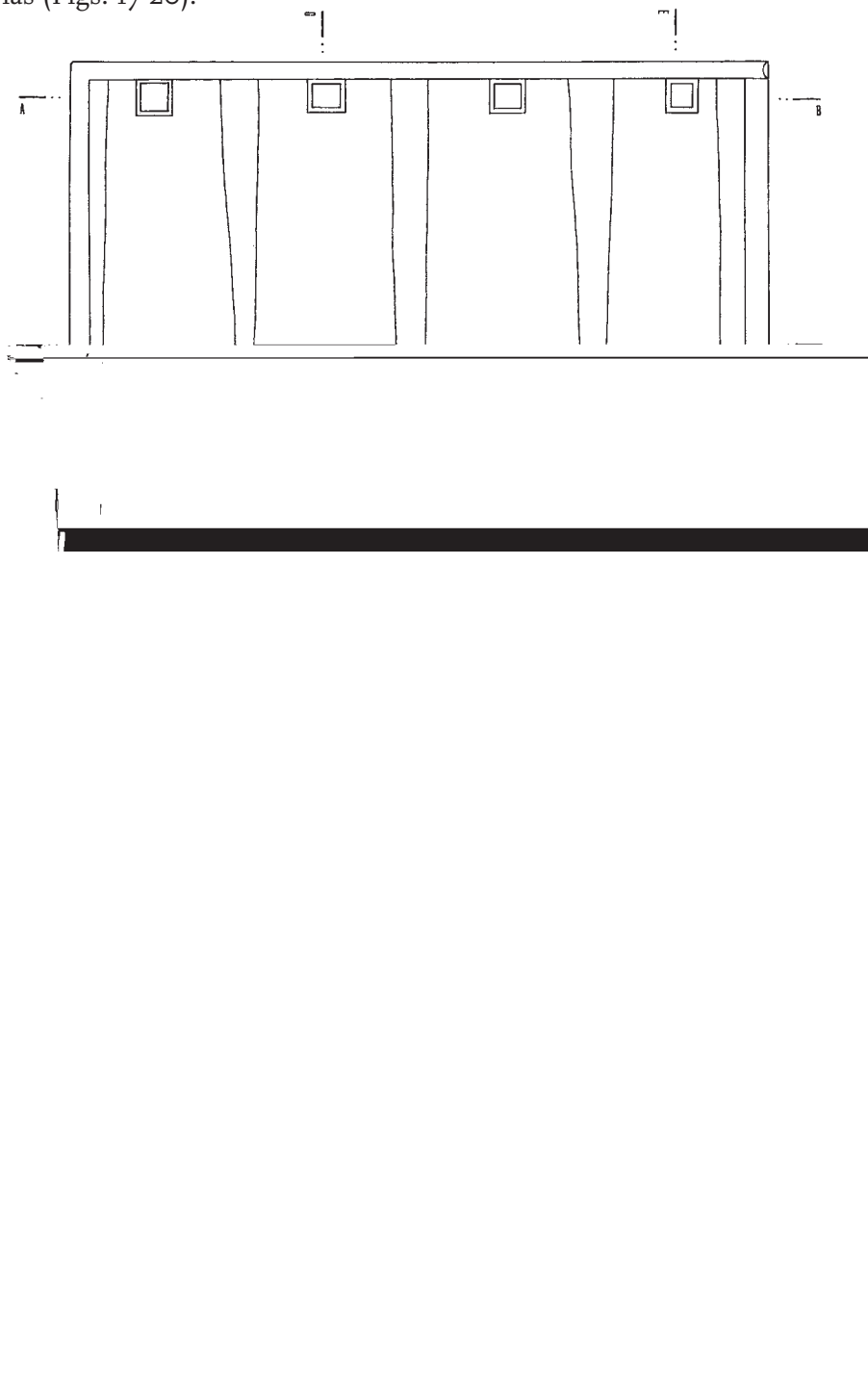
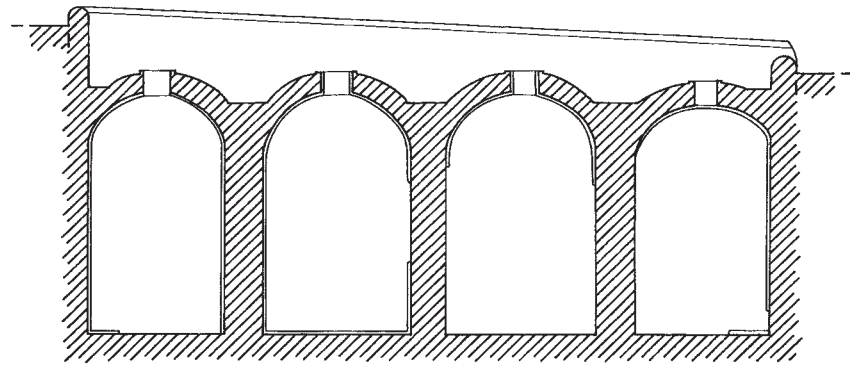
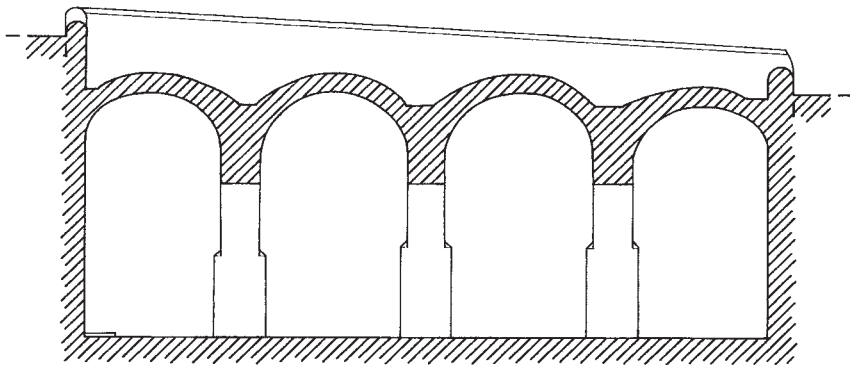


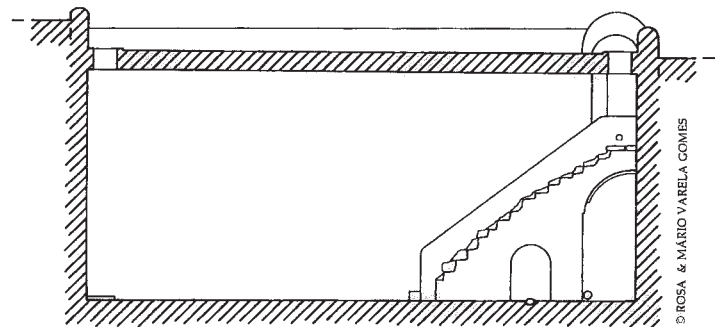
FIG. 17 – Grande aljibe do Castelo de Silves. Planta da cobertura e planta do interior.



CORTE AB

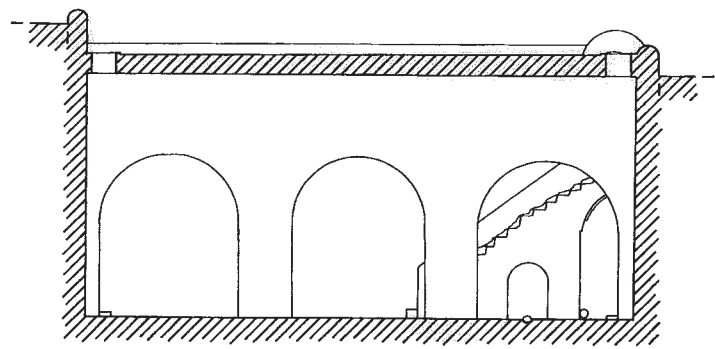


CORTE CD



CORTE EF

© ROSA & MÁRIO VARELA GOMES



CORTE GH

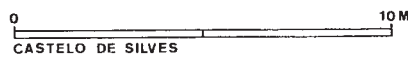


FIG. 18 – Grande *aljibe* do Castelo de Silves. Cortes.





FIG. 19 – Grande aljibe do Castelo de Silves. Perspectiva da cobertura.

Corresponde a construção com planta de forma rectangular, aberta em grande parte no substrato rochoso, cuja cobertura se situa ao nível do solo actual, medindo, exteriormente, 19,20 m por 15,80 m e, no interior, 18 m por 14,40 m. A sua altura total atinge 7 m, até ao nível dos respiradores, embora do chão até ao topo do interior das abóbadas meça 6,40 m. As dimensões apresentadas indicam capacidade para armazenar mais de 1 300 000 litros de água, permitindo fornecer cerca de 1200 pessoas durante um ano, no caso de considerarmos que cada uma delas necessita em média, pelo menos, de três litros por dia.

O acesso ao seu interior realiza-se, tal como no passado, através de porta, situada no canto sudeste, de que ainda se conservam os orifícios para encastramento dos gonzos. A entrada, medindo 0,80 m de largura e 1,60 m de altura, dá acesso a dois lanços de escadas, encontrando-se o primeiro, mais curto, adossado à parede do lado sul desta construção, sendo coberto por duas abóbadas de volta perfeita, enquanto o segundo, bem mais longo, parte de pequeno patamar, segue junto à parede do lado nascente, permitindo atingir o fundo. O segundo lanço de escadas é suportado por dois arcos cegos, de volta perfeita.

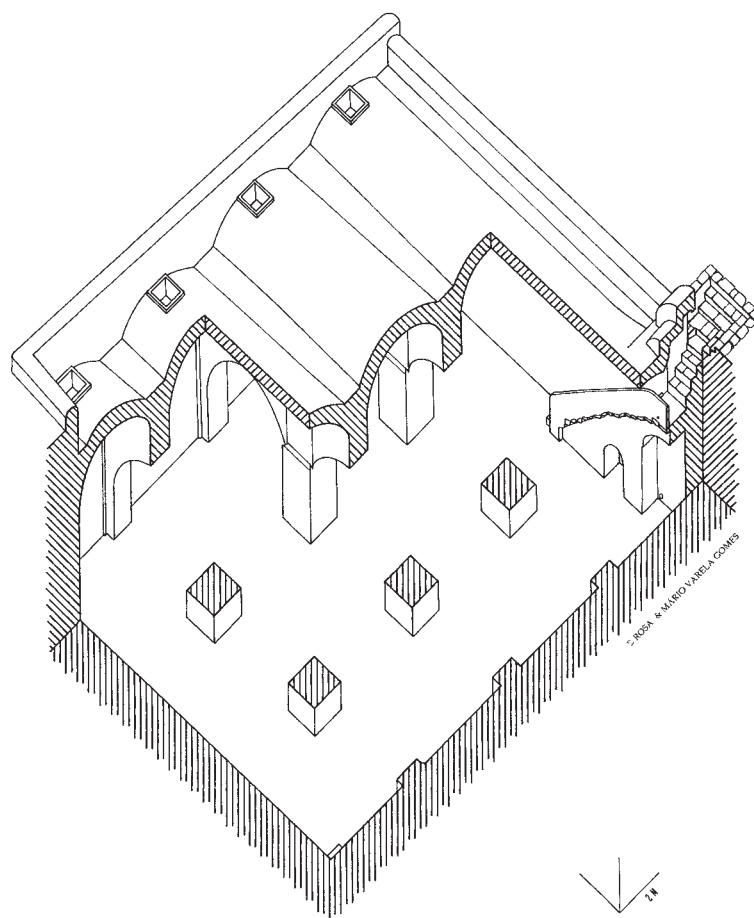


FIG. 20 – Grande aljibe do Castelo de Silves. Perspectiva do interior.

A cobertura é constituída por quatro abóbadas de canhão, dispostas no sentido norte-sul, assentes nas paredes laterais e em três arcarias, suportadas por seis colunas isoladas e por seis outras adossadas às paredes. As colunas isoladas oferecem planta com forma quadrangular, medindo 1,40 m de lado, enquanto as adossadas têm 1 m x 0,40 m.

No topo das extremidades norte e sul de cada uma das abóbadas, observam-se respiradores, quadrangulares, com 1 m de lado.

Nos cantos das abóbadas e das paredes interiores notam-se, ainda, meias canas que se prolongam até ao chão ou, apenas, até cerca de meia-altura, conforme é comum em depósitos de água desde o Período Romano.

No pavimento foram abertos canais, com secção sub-rectangular, pouco visíveis devido às sucessivas camadas de cal que receberam, dispostos na direcção dos cantos e onde confluem em caldeiras, de planta rectangular, destinadas a receber as impurezas porventura existentes na água.

A descarga do excesso de água acumulada realizava-se através de conduta que deveria de comunicar com estrutura, de planta rectangular, existente no exterior do pano de muralha, entre as torres 7 e 8.

### 1.2.2. Cisterna 1

Trata-se de construção, parcialmente aberta no substrato rochoso, situada no quadrante noroeste da alcáçova e representada no boletim 48 da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Fig. 21). Desconhecemos quando é que este depósito foi desentulhado e quais os materiais que eventualmente conteria, encontrando-se, na actualidade, em parte, preenchido com terra.

Oferece forma paralelepípedica, sendo coberto por abóbada abatida e subdividido, sensivelmente ao centro, por muro que mostra vão de ligação, entre aqueles dois espaços, com forma rectangular.

O acesso à água e ao seu interior fazia-se através de dois bocais, com planta rectangular, situados em cada extremo da construção. Esta mede 7 m de comprimento total, 3 m de largura e 4,50 m de altura máxima. A altura entre o nível actual do solo e o pavimento desta cisterna é de 5,30 m.

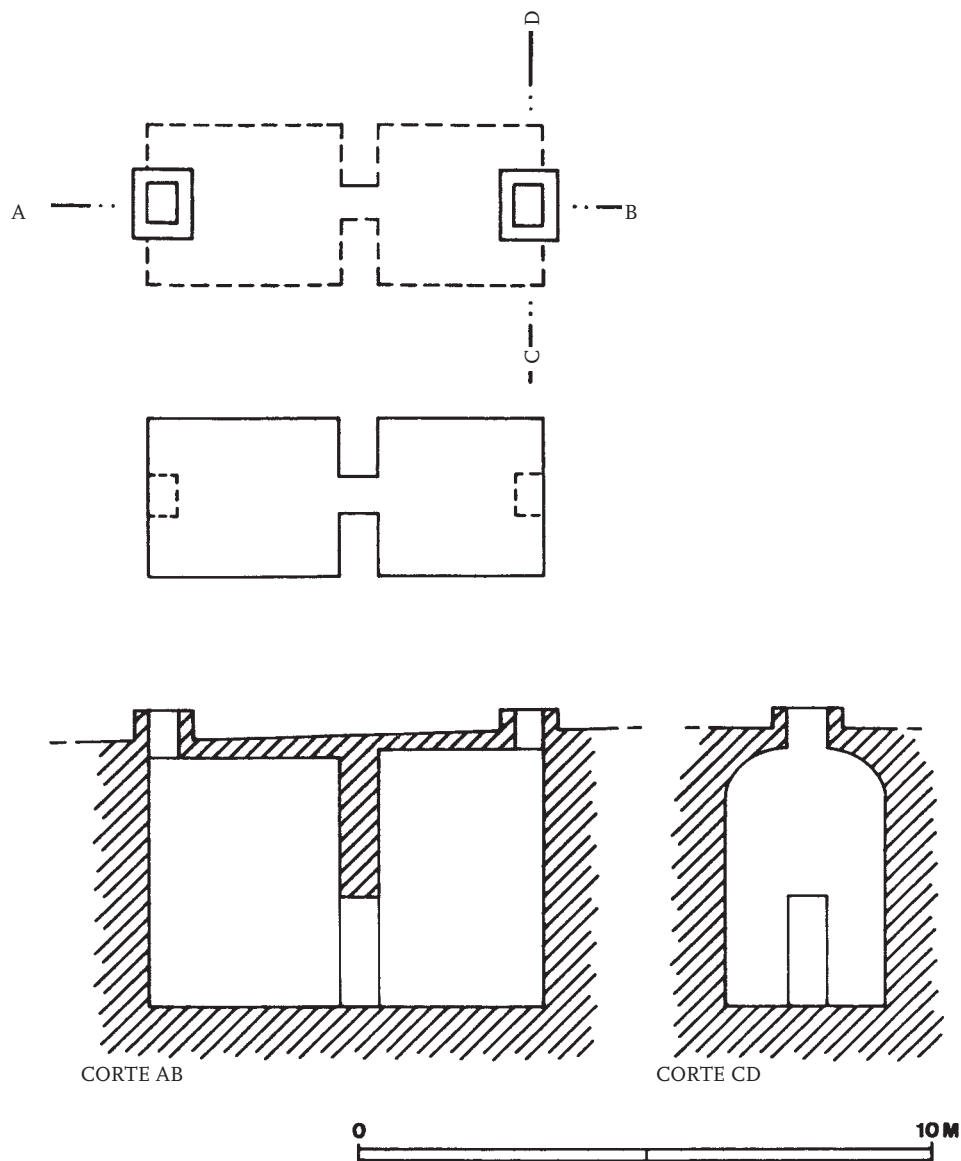


FIG. 21 – Cisterna 1. Plantas e cortes.

### 1.2.3. Cisterna 2

Estácio da Veiga escavou e desenhou, em 1878, estrutura que interpretou como sendo “a cisterna ou a casa de arrecadação de víveres” de habitação romana. Tal registo foi posteriormente dado a conhecer pela sua sobrinha-neta (Santos, 1972, p. 99, planta 18).

Aquela construção subterrânea caiu no esquecimento, tendo-se erguido sobre ela uma barraca, de madeira, onde os jardineiros do Castelo guardavam ferramentas e cujo desmantelamento possibilitou a visualização de uma das suas entradas.

Verificámos então, que mais de metade da cisterna se encontrava novamente entulhada, tendo-se recuperado, durante a sua limpeza, abundantes fragmentos de cerâmicas muçulmanas, pertencentes a cântaros e, em especial, a alcatruzes, mas também a taças e pratos, esmaltados de cor branca, dos séculos XV ou XVI, assim como alguns numismas, designadamente “barbuda”, de D. Fernando, cunhada no Porto.

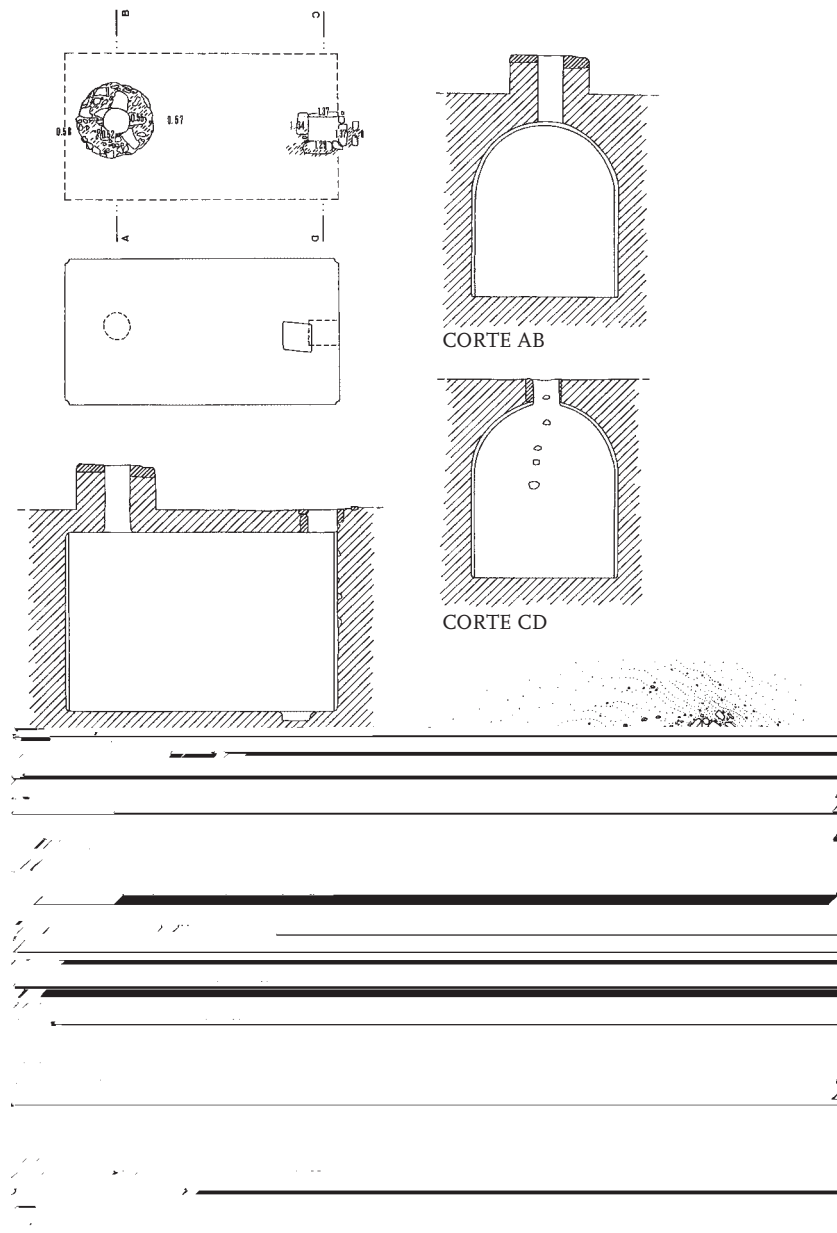


FIG. 22 – Cisterna 2. Plantas, cortes e perspectiva.

Trata-se de depósito para água, situado no quadrante sudoeste da alcáçova, a 18 m a nordeste da Cisterna dos Cães, profundo poço que adiante referiremos.

Apresenta planta rectangular, medindo 4,85 m de comprimento, 2,63 m de largura e 3,15 m de altura máxima (Fig. 22). O acesso ao seu interior fazia-se através de duas aberturas, uma delas, em forma de poço e com planta circular, situa-se na extremidade nascente, a cerca de 0,06 m abaixo do nível actual do solo. Oferecia 0,50 m de diâmetro, era rodeada por coroa de pedras com 1,40 m, ligadas com massa compacta, de cal e areia, medindo 1,20 m de profundidade, desde a boca até ao início da abóbada.

Do lado oposto encontra-se a outra abertura, com forma sub-quadrangular, medindo 0,50 m de lado. Esta localizava-se a cerca de 0,80 m do chão actual e tem 0,40 m de profundidade. Foi estruturada com quatro lajes, de arenito vermelho, dispostas de cutelo, sendo o espaço existente entre elas preenchido com pedras de menores dimensões.

Na parede do lado poente, próximo da abertura antes descrita, observam-se cinco cavidades, dispostas em linha quase vertical e espaçadas, que terão funcionado como degraus.

A cobertura é em abóbada de volta perfeita ou de canhão, sendo os cantos, até meia-altura, revestidos por meia-cana. No fundo mostra caldeira, com planta de forma quadrangular, medindo 0,50 m de lado e 0,15 m de profundidade, permitindo reter as impurezas da água.

A sua capacidade seria superior a 30 000 litros de água.

Esta cisterna, dadas as pequenas dimensões que apresenta, poderia integrar jardim de espaço habitacional, função que só futuras escavações no local deverão esclarecer. O acesso à água realizava-se através da abertura circular, mais alta, onde, possivelmente, assentaria bocal de poço, talvez de cerâmica. A abertura rectangular seria tapada e facilitaria a entrada no interior da cisterna, através da escaleira assinalada, possibilitando a sua limpeza periódica.

#### 1.2.4. Cisterna dos Cães

Situa-se no quadrante sudoeste do Castelo, a cerca de 13 m do pano de muralha que liga a torre 1 com a torre 2.

Não nos foi possível ter acesso ao interior deste poço-depósito, dado que a abertura, rectangular medindo 2,90 m x 2,20 m, se encontra tapada com grade, de ferro, devidamente soldada.

Aquela apresenta secção rectangular até 15 m de profundidade, tendo depois secção subcircular.

Esta construção, em grande parte escavada no substrato rochoso, mede 42 m de profundidade e conserva, em geral, 10 m de água.

Segundo Estácio da Veiga, a Cisterna dos Cães corresponderia a antiga mina, de origem proto-histórica, transformada em poço pelos Muçulmanos. A água seria captada em nível friático ali existente, guardando também a provinda das chuvas.

O seu aproveitamento far-se-ia através de nora, hipótese considerada por aquele arqueólogo, visto ter encontrado e recolhido entre os “*montes de entulho*”, provenientes do interior da cisterna, “*excellentes alcatruzes de barro amarellado. . . alguns quasi inteiros e abundantes fragmentos de outros, como pertencentes á industria ceramica arabe, deve-se entender que a Chelb mahometana aproveitou a água d’aquelle grande poço empregando mui provavelmente no seu typico engenho mourisco aquelles alcatruzes*” (Veiga, 1889, p. 46, 47). Um de tais recipientes, pertencente às colecções do Museu Nacional de Arqueologia (M.N.A.E. 14052), encontra-se, presentemente, em depósito no Museu Municipal de Arqueologia de Silves (Fig. 25-B). Todavia, Pedro Júdice (1934, p. 53, 54) menciona que alguns alcatruzes ali encontrados seriam de madeira e produzidos ao torno.

Podemos acrescentar que, de facto, se observam restos da fixação da nora à boca do poço, nomeadamente arco de pedra que suportaria parte daquele engenho. Por outro lado, a abertura rectangular indica-nos tal utilização.

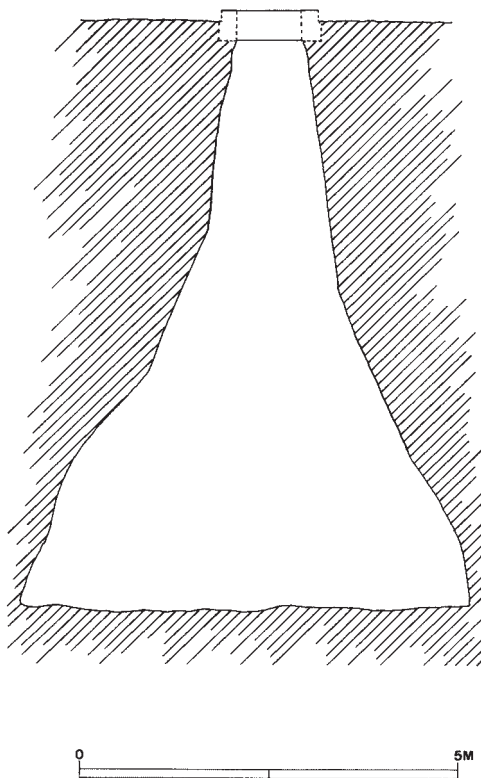


FIG. 23 – Corte do silo 1.

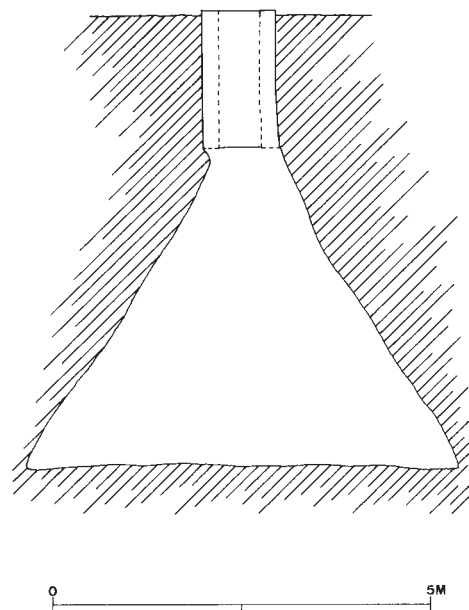


FIG. 24 – Corte do silo 2.

#### 1.2.5. Silo 1

Situa-se no quadrante sudoeste do Castelo, cerca de 9,50 m a norte da cisterna 2. Apresenta forma subcónica, com fundo plano e cantos algo arredondados (Fig. 23). O acesso ao seu interior realizava-se através de gargalo com forma cilíndrica, medindo 0,85 m de diâmetro. Atinge 7,85 m de profundidade e 5,95 m de maior diâmetro (no fundo). Foi parcialmente escavado no substrato rochoso e o gargalo encontra-se estruturado com blocos de arenito vermelho.

As suas dimensões indicam capacidade aproximada dos 75 m<sup>3</sup>, podendo conter 49 500 kg de cereais, considerando que cada m<sup>3</sup> de trigo pesa 660 kg. Aquela quantidade permitiria responder às necessidades alimentares de 215 pessoas durante um ano, atendendo a que cada uma delas poderia sobreviver com 230 kg de trigo por ano. Encontra-se, actualmente, coberto com tampa, de ferro, fechada a cadeado.

#### 1.2.6. Silo 2

Situa-se a 12,80 m, a norte, do silo anteriormente referido. Apresenta forma subcónica, tendo-se acesso ao seu interior através de abertura em poço, com 0,55 m de diâmetro e 1,85 m de altura. Esta é estruturada com blocos de arenito vermelho (Fig. 24).

Mede 6 m de profundidade máxima e 5,75 m de maior diâmetro (fundo). A sua capacidade ronda os 50 m<sup>3</sup>, podendo armazenar 33 000 kg de cereais.

Encontrava-se, em parte, entulhado com terras, contendo fragmentos de cerâmicas muçulmanas, outros atribuídos ao século XVI, pertencentes a escudelas esmaltadas, de cor branca, algumas com decoração de cor azul e/ou violeta, de manganês, de características majólicas, com decoração azul sobre fundo da mesma cor, com fabrico sevillhano, imitando as produções lígures, datadas na segunda metade do século XVI (Gomes e Gomes, 1996, p. 279).



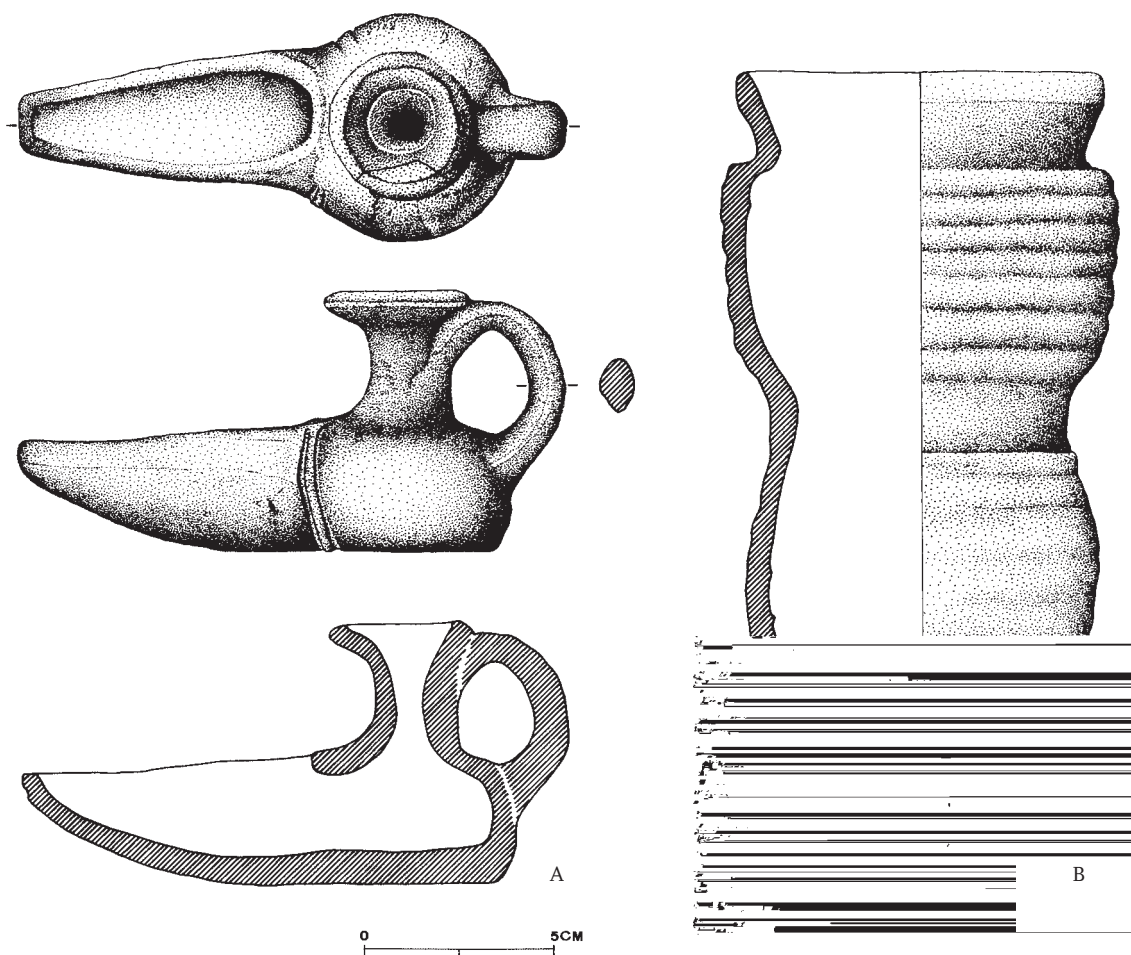


FIG. 25 – Castelo de Silves. A- Lucerna (M.N.A.E. 17072); B- Alcatruz da Cisterna dos Cães (M.N.A.E. 14052).

### 1.2.7. Silo 3

Trata-se de construção existente junto à torre 6, com forma e dimensões semelhantes às do silo 1.

Encontra-se completamente esvaziado.

## 2. A evidência arqueológica

### 2.1. Antecedentes

Escolhemos, em 1984, o Castelo de Silves para iniciarmos escavações arqueológicas, na sequência das investigações em curso na cidade (Gomes, 2002), dado tratar-se de espaço fechado, bem delimitado, construído em importante zona estratégica e que poderia conservar testemunhos da vida quotidiana das sucessivas élites que ali permaneceram em diferentes momentos do processo histórico.

Pretendíamos, na altura, realizar estudo integrado entre as estruturas e os espólios encontrados, tendo em vista a elaboração de dissertação de mestrado, em História da Arte, sobre aquele arqueossítio.